

OS ESPAÇOS DA CRIMINALIDADE CONTRA A MULHER NO RECIFE DE FINS DO SÉCULO XIX (1880-1900)

Daniela Cavalcanti Bruto da Costa[1]

Resumo
O presente trabalho resulta de estudos, em curso, a respeito da criminalidade contra a mulher nos espaços públicos do Recife dos fins século XIX (1890-1900). Como ponto de partida se fez necessário historicizar as noções de espaço público e privado, para a partir de então compreender a lógica de uso desses espaços e o traçar de papéis atribuídos a homens e mulheres em cada um deles. É proposta uma análise, a partir de processos crimes contra mulheres, para levantamento de informações sobre os tipos de crimes praticados contra a mulher com a finalidade de construção de um perfil social da criminalidade (identificando os tipos de mulheres – a que grupos sociais e étnicos pertenciam) como estratégia para traçarmos um perfil da sociedade recifense, considerando os vestígios sem visibilidade ou pouco visibilizados: os processos crimes.

Palavras-chave: Mulheres. Crimes. Visibilidade.

O Recife como cenário

Caminhando pelas ruas do Bairro do Recife, é possível sentir uma atmosfera de sensações variadas. Variados tempos dialogam com o espaço. De um lado casas, igrejas e prédios antigos, do outro a sensação de modernidade trazida pelos asfaltos, iluminações, sons vindos de bares e outros espaços de sociabilidade da área. O caminhar é frenético, pedestres disputando espaços com automóveis, motos, ônibus e bicicletas, dialogando com vestígios do século XIX: construções que resistem e se transforma, com o avanço dos séculos seguintes. Certamente muita História a ser produzida, sobre temas variados. É fato, que pensar o Recife não se reduz ao Bairro do Recife, mas torna-se imprescindível uma análise a partir da antiga zona portuária, onde a cidade nasce e onde a vida urbana floresce com toda a força, em fins do século XIX.

---

[1] Licenciada e mestranda em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Email: profdanielabruto@gmail.com. Artigo produzido para o XIII Colóquio de História da Unicap III Colóquio PPGH Unicap. Simpósio Temático 2: movimentos e contestações sociais: linguagens, imprensa, cultura política e poder no mundo ibero-americano
ST 2 – Movimentos e contestações sociais: linguagens, imprensa, cultura política e poder no mundo ibero-americano | Recife, 06 a 08 de novembro de 2019.



Como mulher que vive no século XXI, vivo cercada por medos contemporâneos, próprios da vida urbana e do ritmo frenético que ela nos exige. A violência é um dos medos mais frequentes. Circular nas ruas do Recife, não significa apenas perceber os paradoxos do passado e presente, mas ter sensações reais relacionadas a condição social a qual pertenço, como mulher: de estar num mundo cercado por violências, especialmente a violência de gênero (SAFFIOTI, 2015, p. 11).

Partindo ainda do meu lugar histórico de escrita, no início dos anos 2000, Heleieth Saffioti, a partir de resultados de pesquisa de fins dos anos de 1990 e início dos anos 2000, na obra Gênero, Patriarcado e violência, analisa a questão da violência contra a mulher. Considerando o aspecto sócio-econômico, como de grande valor, a autora constrói uma narrativa fundamentada na construção histórica da inferiorização, da construção de uma sociedade pautada numa estrutura patriarcal. Analisou informações levantadas pela pesquisa, discursos científicos e dados econômicos e através de tais estudos, Saffioti explica a construção de narrativas fortalecedoras de discursos de violência contra as mulheres e também de resistência à violência (SAFFIOTI, 2015, p. 37).

Inspirada nas sensações do presente, nas inquietações provocadas por esse caminhar entre as ruas ocupadas por casarios históricos, igrejas e edifícios antigos e contemporâneos, parece impossível não me perguntar como seria caminhar ou mesmo habitar nestes mesmos locais em fins do século XIX. Decerto, este não é o objeto principal do presente artigo, mas pensar os espaços sociais da criminalidade contra a mulher, exige pensar o cotidiano na cidade. “Certamente, os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos ali mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá)” (CERTEAU, grifo do autor, 1990 p. 176).[2] O olhar sobre a criminalidade contra a mulher no Recife, perpassa por pensar os espaços sociais e as relações de poder neles estabelecidos, pois as relações neles construídas muito terá a dizer sobre os crimes neles cometidos.

[2] Na obra A Invenção do Cotidiano, De Certeau produz uma narrativa que parte de um olhar para Nova Iorque a partir do 110º andar do edifício World Trade Center, seguindo para uma problematização entre o que acontece verdadeira embaixo, na cidade e o que é do alto do WTC. Seguindo as ideias de Certeau nesta narrativa, a ideia é iniciar uma análise partindo de um olhar para a cidade de forma ampla, para uma posterior análise do que acontecia de fato no cotidiano das pessoas que habitavam o Recife.



> Os cenários sociais abordados também permitem que se visualizem na prática diária os projetos das elites, quais os grupos sociais mais transgressores, os mais punidos, os locais mais vigiados, e também como reagiram os populares a esses projetos (MOREIRA, 2009, p. 84).

Em fins do século XIX, com um importante baluarte do império em questionamento: a escravidão, o Brasil vive um processo de transição política , em que a ordem burguesa se vê plenamente estabelecida, “a modernização e a higienização do país despontaram como lema dos grupos ascendentes, que se preocupavam em transformar suas capitais em metrópoles”. (SOIHET, 2002, P, 362)

Tendo o Recife de fins do século XIX, como cenário, é preciso reconhecer a significativa relação cultural e econômica que estabelecia com países europeus. Como jovem nação, construída sob alicerces muito frágeis, ainda se construía a noção de identidade nacional, em muito fundamentada em modelos europeus de comportamento, especialmente o modelo francês. Profundas transformações econômicas, iniciadas em alguns países, ainda no século XVIII, resultantes do desenvolvimento das revoluções burguesas, do sistema fabril e da vida urbana, deram origem a um modelo de organização econômica e social estruturada em novos valores e a um projeto civilizador, com um novo modelo de sociedade guiada pelo trabalho, pela separação entre público e privado e pelo valor ao êxito econômico[3].

A reconfiguração dos espaços sociais, exigiu novos códigos de comportamento. Como o ato de pedestres andarem em calçadas, por exemplo. “O espaço é um lugar praticado. A rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelo pedestre” (CERTEAU, 1998, p. 202). No século XIX, o espaço urbano deveria, portanto, representar através de práticas e da arquitetura e planejamento espacial, a ideia de progresso e modernidade, contrapondo-se a ideia de barbárie e de atraso associadas à vida no mundo rural.

Quando o Recife vai se configurando numa cidade moderna com obras empreendidas pelo então presidente da província, Francisco do Rêgo Barros, o

[3] ELIAS,Norbert. A sociedade de Corte: 1investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.



conde da Boa Vista[4], entre elas a construção de um teatro (Santa Isabel), a reconstrução de pontes (Santa Isabel, Boa Vista e Maurício de Nassau), a Casa de detenção do Recife (atual Casa da Cultura) e aterramentos a fins de facilitar circulação de pessoas, produtos, surgia uma atmosfera de modernidade. Este novo modelo de cidade, determinava claramente o espaço para cada atividade, separando de forma definitiva os espaços público e privado.

> É importante reconhecer o espaço como constitutivo das relações sociais, incorporando significados que lhe são atribuídos por determinadas representações, revestindo-se de simbologias e participando da construção de certas identidades[5] (ARRAIS, 1998).

Caminhar pelas ruas do Recife, não era igual para todos. Diversos fatores definiam o caminhar dos transeuntes, a classe social, o sexo e a cor, certamente são os mais significativos. Pensar o espaço do Recife, portanto deve nos levar a pensar sobre as representações sociais de seu espaço e as próprias relações sociais[6] e como são determinadas ao analisar um crime do período.

Se durante a primeira metade dos oitocentos, as primeiras obras públicas foram dando ao Recife, ares de modernidade, foi na segunda metade que os avanços foram ainda mais significativos com a implantação de sistemas de transportes sobre trilhos, ampliação da iluminação pública, mesmo que distribuída de forma limitada e desigual e a construção da Casa de Detenção. Novos empreendimentos, numa cidade ainda impregnada de velhos costumes, trilham um caminho de conflitos. As ideias e representações do moderno, coexistiram com a resistência da população em se adequar às novas práticas e normas, como pedestres andarem em calçadas, por exemplo. A resistência da população às novas normas de comportamento, exigidas pelo projeto de modernidade, certamente foram as causas para o alto índice de criminalidade no Recife, sobretudo na segunda metade do século XIX, com o advento de transporte sob trilhos.

---

[4] SILVA, Wellington Barbosa da. “A locomotiva do progresso”: cotidiano e mehoramentos materiais no Recife oitocentista (1830-1889). In: Recife do século XIX: outras histórias (1830-1890).Jundiaí (SP): Paço, 2018.

[5] ARRAIS, Raimundo. O Pântano e o Riacho. Eis uma importante questão da presente pesquisa: como os espaços e as relações sociais se constituem como objeto, sendo um influenciado pelo outro.

[6] ARRAIS, 1998. Idem



> Recife era na segunda metade dos oitocentos, uma cidade perigosa; um espaço onde a propriedade e a vida das pessoas estavam sempre por um triz, tal a profusão de roubos, furtos e assassinatos em plena luz do dia e nas ruas mais públicas[7] (SILVA, 2018, P.26).

Numa tentativa de promover o controle e a reeducação da população,. Foi construída a Casa de Detenção, símbolo da modernização e do progresso, e importante no processo de civilização dos corpos sociais. Estaria concluído então o processo de construção de uma cidade moderna? Considerando as mudanças impostas, o desrespeito a velhas tradições, sobretudo no que diz respeito as manifestações populares, certamente novas possibilidades de conflitos e criminalização entram em cena.

Vida urbana e violência: uma questão de gênero?

Modernizar a cidade atendia a uma tendência da época. Estabelecer padrões de comportamento era parte do projeto de modernização. Viver numa cidade moderna, significava adotar costumes modernos, na prática costumes inspirados nos modelos de países europeus, em especial, costumes franceses. Novos hábitos de reuniões sociais em cafés e confeitarias, conduziu a novas regras de comportamento, definidores do lugar social das pessoas envolvidas. “Nos novos espaços sociais estruturados, as mulheres pareciam gozar de maior liberdade ao usufruir dos cafés, cinemas, da moda e das novas formas de sociabilidade” (CABRAL, 2015, p. 13).

Mas, como é previsível, associados ao novo comportamento feminino, estavam novos e antigos temores, de que fosse corrompido os cuidados com o lar e a família, deixando a honra feminina sob suspeita. E imaginar que essa circulação não foi conflituosa é, certamente ingenuidade. A circulação feminina nos espaços públicos de sociabilidade, significava avanços na participação feminina na vida pública, mas também novas preocupações para as mulheres, da preocupação com a honra até a preocupação com a própria vida. Durante esse processo, a ciência tem um papel importante, pois era o paradigma do momento.

[7] SILVA, Wellington Barbosa da. “A locomotiva do progresso”: cotidiano e mehoramentos materiais no Recife oitocentista (1830-1889). In: Recife do século XIX: outras histórias (1830-1890).Jundiaí (SP): Paço, 2018.



> A medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava a sua força física a natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios (SOHIET, 2002, p. 263).

Certamente o estabelecimento de novas regras de comportamento em qualquer sociedade aconteceria em meio a aceitações e transgressões. No Recife não foi diferente. Logo, novas regras jurídicas de circulação vão sendo estabelecidas. A cidade se calca em normas que regulamentam as condutas, as atividades, as relações, que conformam a moldura em que se dá o convívio de todos. Normas que são cumpridas ou burladas, provavelmente mais burladas que cumpridas.[8] (MARX, 1999. P.42). A tentativa de controle do comportamento das mulheres, logo se evidencia nas leis.

> O Código Penal, o complexo judiciário e a ação policial eram os recursos utilizados pelo sistema vigente a fim de disciplinar, controlar e estabelecer normas para as mulheres dos segmentos populares. Nesse sentido, tal ação procurava se fazer sentir na moderação da linguagem dessas mulheres, estimulando seus "hábitos sadios e de boa maneiras", reprimindo seus acessos verbais (SOIHET, 2002, p.363).

Se por um lado, é possível enxergar a atuação das mulheres de famílias abastadas na imprensa e no movimento abolicionista, por outro lado, as mulheres das camadas populares e as mulheres escravizadas, são visibilizadas principalmente através do levantamento de dados e informações de crimes. Dados explicados pelo patriarcalismo vigente nas leis que controlava a circulação e o comportamento sobretudo das mulheres, associado ao projeto civilizador estava uma imagem de mulher recatada, obediente. As ruas eram consideradas inadequadas para as mulheres, especialmente de famílias abastadas: "a rua simbolizava o desvio, das tentações, devendo as mães pobres, segundo os médicos e juristas, exercer vigilância constante sobre suas filhas" (PEDRO, 2002, p. 144). Eram espaços de circulação, principalmente de mulheres das camadas pobres que

[8] A transgressão a norma como indício.



precisavam garantir seu sustento - fosse por meio da prestação de serviços, do comércio ou da prostituição.

Como as mulheres pobres precisavam garantir seu sustento e muitas vezes da sua família, estavam sujeitas a repressão. Na medida em que aumentava o número de mulheres nas ruas, aumentava a repressão sobre elas. Por esse motivo, as mulheres que aparecem na estatística policial e judicial, pertenciam a essa categoria: mulheres pobres. Como afirmou Arlete Farge, o arquivo policial capta a cidade em flagrante delito: a driblar a ordem. Ainda sobre os arquivos, Farge diz: "O estudo dos arquivos policiais conduz não apenas a História das mulheres, mas às relações de gênero".[9] Os arquivos policiais desnudam a sociedade, os depoimentos prestados revelam nuances de uma realidade muitas vezes não apresentadas em outras fontes.

> Os arquivos de crimes evidenciam a atuação, a circulação e muitas vezes o protagonismo feminino. O arquivo, tal como existe, não as isola, ao contrário; em meio a rixas e disputas, cenas de rua ou de prédios, no trabalho em oficinas ou em lojas, é fácil distingui-las, o que permite uma reflexão aprofundada sobre os papéis masculino e feminino[10](FARGE, 1989, P. 39).

Conhecer a cidade através dos movimentos dos seus habitantes, certamente é a forma mais acertada de percebê-la em suas diversas nuances. Da mesma forma, investigar a criminalidade contra as mulheres exige analisar além dos arquivos policiais e processos judiciais, analisar as representações dos crimes, nos jornais em circulação da época. Apenas através desse duplo olhar sobre o registro do fato e a representação, podemos construir uma narrativa social do crime. "Faits divers, romances policiais, gravuras, filmes ou canções, todas as formas de relatos de crime têm um crescimento singular no fim do século XIX.". (KALIFA, 2019. P. 29). Acompanhando a tendência francesa, a imprensa brasileira começa a noticiar com frequência crimes. Estes parecem atrair o interesse do público. A notícia de um crime podia significar conhecer o desdobramento de uma história cercada de

[9] Alguns importantes atores sociais só são visibilizados através dos processos judiciais, como Farge afirma. Considerando que às mulheres era garantida uma certa invisibilidade, nas fontes oficiais, analisar processos judiciais certamente será o caminho inevitável para visibilizar as mulheres transgressoras.

[10] Eis o valioso papel dos arquivos policiais: possibilitar conhecer sobre os sujeitos invisibilizados. Pesquisar arquivos policiais, nos remete ao paradigma indiciário de Ginzburg, encontrando vestígios analisando o que em geral, passa desapercebido.



aventura, mistério e surpresas. Jornais como O Jornal do Recife e Diário de Pernambuco, traziam constantemente em suas páginas informações relacionadas a efetivações de penas criminais. No entanto, as notícias que ganham aos poucos páginas nos jornais de Pernambuco, em fins do século XIX, são as notícias de crimes

Notícias como o Crime da rua da Aurora, noticiado no Jornal do Recife, no ano de 1882, evidencia uma sociedade marcada pela escravidão e pelo patriarcalismo. Uma mulher negra de nome Esperança, assassinada, tendo por indiciados em seu assassinato um cativo de nome Felisbino e uma senhora, D. Herculina Adelaide de Siqueira. A notícia do crime, corresponde a um indício de crime contra uma mulher no referido período, cercado por um enredo que muito pode nos dizer sobre a sociedade recifense do período, associada aos autos do processo do assassinato da preta Esperança.

É certo que os crimes cometidos contra mulheres negras, pobres ou de classes abastadas, não seguem os mesmos percursos e muito menos deixam os mesmos vestígios. “Os lugares em que os crimes são praticados, fala sobre os requintes da trama” (FARGE,2009, p. 15), e em conjunto com a análise da representação do crime, através das notícias, nos possibilita reconstruir as redes de relações da época. Seguindo este percurso podemos conhecer a cidade em suas diversas nuances. “Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade do outro” (CERTEAU, 1998, p. 189). Ou seja, investigar crimes contra as mulheres utilizando processos crimes e representações dos mesmos na imprensa, nos possibilita compreender as complexidades do lugar onde ocorreram, neste caso: no Recife da virada do século.

A partir do estudo sobre a criminalidade contra a mulher, nos permite concluir sobre as condições das mulheres nas relações sociais na época, entre elas e os homens, entre elas mesmas, considerando como variante sua condição socio-econômica, como considera Dominique Kalifa: “Certos tipos de delitos e crimes retêm [...] mais a atenção, revelando assim os principais polos nevrálgicos, os pontos de discórdia ou ruptura em torno dos quais se concentram a reprovação, os temores e as angústias sociais” (KALIFA, 2019, p. 183). Revelam a cidade, sua lógica de funcionamento e as representações da sua memória.



Referências

ALVES, Branca Moreira e Pitanguy, Jacqueline**. O que é feminismo**. São Paulo: Ed. Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. Santa Catarina: Avenida Gráfica e editora, 2005.

ARRAIS, Raimundo**. Recife, culturas e confrontos.** Natal: EDUFRN, 1998**.**

ARRAIS, Raimundo**. O pântano e o riacho** Natal: EDUFRN, 1998**.**

ARRUDA, Manuela**. Recife: entre a sujeira e a falta de (com)postura, 1831-1845.** Recife, 2009. Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal de Pernambuco.

BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940).** São Paulo: EDUSP, 1999.

BORDIEU, Pierre**. Dominação Masculina: a condição feminina e a violência simbólica.** 15ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História.** Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária,1982

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Editora Vozes,1998.

CHALOUB, Sidnei. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Vol. 2: A formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

DIAS, Maria Odila da Silva e PEDRO, Joana Maria. Mulheres honestas e mulheres faladas: Uma questão de classe. Florianópolis. Editora da UFSC, 1994

ELIAS, Norbert. **Sociedade de Corte investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed,2001

FARGE, Arlete. **Lugares para a História**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FARGE, Arlete. **O Sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: edições Graal, 4ª edição,1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisã**o. 36. ed. Petrópolis, RJ Vozes, 2009.



HAHNER, June. Emancipação do sexo feminino. Florianópolis. Ed. Mulheres, 2003.

KALIFA, Dominique. A tinta e o sangue: narrativas sobre crimes e sociedades na Belle Époque. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

LOVE, J. L. **A República brasileira:** federalismo e regionalismo (1889-1937). In**:**

MARX, Murilo. **Cidade no Brasil**: Em que termos ? São Paulo: Livros Studio Nobel Ltda.

MOTA, Carlos Guilherme (Org.) **Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000).** São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2000.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral. **Maternidade, eugenia e higiene: o combate às amas de leite no Recife e a fabricação da mãe civilizada.**. Recife: EDUFRPE, 2015

NASCIMENTO, A. C. & LUZ, N. Q. P. (Orgs). **Mulheres na cidade do Recife:** feminismo, cultura +e transgressão (1870-1935). Recife: EDUFRPE, 2015.

PERROT, M. **Mulheres, prisioneiros e operários.** São Paulo: Contexto, 2007. .

RAGO, Margareth**. Do cabaré ao lar**. A utopia da cidade disciplinar, Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX.** Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002.

REZENDE, Antônio Paulo. **Recife: Histórias de uma cidade.** Recife: FUNDARPE, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth**. Gênero, patriarcado e violência.** . 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Ábramo, 2015.

SILVA, Wellington Barbosa da. **"A locomotiva do progresso": cotidiano e "melhoramentos materiais" no Recife oitocentista (1830-1889).**

SOIHET, Rachel. **Mulheres pobres no Brasil urbano**, in: D'INCAO, Mª. A. In: DEL PRIORE.

SOIHET, Rachel e MATOS, Maria Izilda S. de Matos. (org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp

SOUZA, Maria Ângela de Almeida. **Posturas do Recife Imperial**. Recife: Edufpe, 2002.